



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

 **Atena**
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^a Dr^a Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^a Dr^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^a Dr^a Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^a Dr^a Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^a Dr^a Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^a Dr^a Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^a Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5

Editores: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-290-6
DOI 10.22533/at.ed.906201808

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O quinto volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as discussões sobre as questões de Gênero, Educação Inclusiva e Sexualidade, em diferentes instituições e regiões do país.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro e as questões voltadas à inclusão, sexualidade e gênero. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns do contexto educacional.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PROFESSORES DE CIÊNCIAS E ORIENTAÇÃO SEXUAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE BARREIRAS - BAHIA	
Raquel Lima Besnosik	
Fábio de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018081	
CAPÍTULO 2	12
A DIVERSIDADE DOS SUJEITOS DA EJA: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS NA ATUAL EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Amilton Alves de Souza	
Damile da Luz dos Santos Ferreira	
Edeilda Souza Gonçalves Viana	
Humberto Cordeiro Araujo Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9062018082	
CAPÍTULO 3	34
CONCEPÇÕES DE DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS SOBRE A SEXUALIDADE TRABALHADA EM SUAS ESCOLAS	
Viviane Faria Lopes	
Paulo Henrique Mesquita Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9062018083	
CAPÍTULO 4	49
O DIÁLOGO SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INTERCULTURAL E BILÍNGUE	
Marlene de Brito Kling Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9062018084	
CAPÍTULO 5	62
CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO?	
Geisa Orlandini Cabiceira Garrido	
Maria de Fátima Salum Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018085	
CAPÍTULO 6	74
APLICATIVO EDUCATIVO PIONEIRAS: O RECONHECIMENTO DAS MULHERES DO BRASIL	
Júlia Braga Marques Pereira	
Mikaele Duarte de Souza	
Frederico Alves Lopes	
Adriana Mara Vasconcelos Fernandes de Oliveira	
Vitória Bispo Umbelino	
Maria Luiza Andrade Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9062018086	
CAPÍTULO 7	86
A PEDAGOGIA DE PROJETO FACILITANDO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA EM PRISÕES	
Angela Moraes Cordeiro Sena	
DOI 10.22533/at.ed.9062018087	

CAPÍTULO 8	97
A EDUCAÇÃO ESCOLAR NOS AMBIENTES DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE	
Dayane Gasparotto Bertoli	
Vanessa Cristina Giangrossi	
Fernanda da Conceição de Lima	
Paula Nascimento da Silva Moura	
DOI 10.22533/at.ed.9062018088	
CAPÍTULO 9	107
A FUNDAMENTAÇÃO DA EJA COMO PROSPECÇÃO PARA UMA EDUCAÇÃO DE RESSOCIALIZAÇÃO DE ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE NA CASA DE DETENÇÃO DE ARIQUEMES	
Preves Santonira	
DOI 10.22533/at.ed.9062018089	
CAPÍTULO 10	118
CIDADANIA SEXUAL E “MASCULINIDADE EXTRAORDINÁRIA”: APONTAMENTOS EM GRAFITOS ESCOLARES	
Adriano Rogério Cardoso	
Tânia Regina Zimmermann	
DOI 10.22533/at.ed.90620180810	
CAPÍTULO 11	135
NAS TEIAS DE UM CURRÍCULO ESCOLAR: A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA EM FINOS FIOS	
Antônio Ferreira	
Edimara Gonçalves Soares	
DOI 10.22533/at.ed.90620180811	
SOBRE O ORGANIZADOR	146
ÍNDICE REMISSIVO	147

CENAS E DIÁLOGOS ENTRE CRIANÇAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: O QUE PENSAM, SENTEM E FALAM SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO?

Data de aceite: 03/08/2020

Data de submissão: 15/05/2020

Geisa Orlandini Cabiceira Garrido

Universidade Estadual do Norte do Paraná- UENP

Centro de Ciências Humanas- Colegiado de
Pedagogia

Jacarezinho- Paraná

<http://lattes.cnpq.br/4387691131597305>

Maria de Fátima Salum Moreira

Universidade Estadual Paulista- UNESP

Faculdade de Ciências e Tecnologia-
Departamento de Educação

Presidente Prudente- São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/4510140191730970>

RESUMO: O estudo trata dos significados relativos a gênero segundo as perspectivas de crianças entre 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade, no contexto de uma Instituição de Educação Infantil. Para a geração de dados foram empregadas as seguintes técnicas: entrevistas abertas e semiestruturadas com as crianças, utilizando-se de dinâmicas, de brincadeiras e de contação de história; observação participante nos diferentes tempos e espaços escolares; diário de campo e análise dos artefatos sociais e culturais presentes

na instituição. Os resultados apontaram a existência de processos diferenciados de socialização de meninos e meninas e a apropriação de roteiros coercitivos de gênero e sexuais pelas crianças. Evidenciaram-se momentos em que as crianças romperam com valores reprodutores da dicotomia de gênero, “produzindo as suas próprias culturas”. A partir dessa conjectura destacou-se a importância da instituição escolar, enquanto espaço com finalidades educacionais humanizadoras, na coparticipação da construção de roteiros que auxiliem as crianças em suas reflexões e em suas condutas para que questionem e rompam com os padrões sociais normativos e coercitivos que segregam, hierarquizam, excluem, categorizam e reforçam as desigualdades entre os sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Gênero; Educação Infantil.

SCENES AND DIALOGUES BETWEEN
CHILDREN IN THE CONTEXT OF
CHILDHOOD EDUCATION: WHAT DO THEY
THINK, FEEL AND SPEAK ABOUT GENDER
RELATIONSHIPS?

ABSTRACT: The study deals with the meanings related to gender according to the perspectives

of children between 4 (four) and 5 (five) years of age, in the context of an Early Childhood Education Institution. For data generation, the following techniques were used: open and semi-structured interviews with children, using dynamics, games and storytelling; participant observation at different times and school spaces; field diary and analysis of the social and cultural artifacts present in the institution. The results pointed to the existence of differentiated socialization processes for boys and girls and the appropriation of coercive gender and sexual scripts by children. There were moments when children broke with reproductive values of the gender dichotomy, “producing their own cultures”. From this conjecture, the importance of the school institution was highlighted, as a space with humanizing educational purposes, in the co-participation of the construction of scripts that assist children in their reflections and in their conduct so that they question and break with the normative and coercive social standards that they segregate, hierarchize, exclude, categorize and reinforce inequalities between subjects.

KEYWORDS: Childhood; Genre; Child education.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se das perspectivas de crianças, entre 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade, sobre as relações de gênero, a partir do registro de cenas e diálogos entre as crianças e seus pares e entre elas com os(as) adultos(as) no contexto de uma instituição de Educação Infantil (GARRIDO, 2017).

A investigação apoiou-se na perspectiva dos estudos sociológicos e da antropologia social e cultural, com ênfase na teoria dos roteiros sexuais desenvolvida por Gagnon e no viés interpretativo proposto pela Sociologia da Infância, que concebe as crianças como atores sociais e coprodutoras de culturas.

Somaram-se a tais estudos, as contribuições de Heilborn (1999, 2002, 2006) que discute as questões relativas às experiências de gênero e da sexualidade como fundamentais na constituição das identidades dos sujeitos. Suas investigações demonstram que a construção das carreiras afetivo-sexuais é modulada pelo gênero, e este processo está associado ao modo como homens e mulheres constituem a própria subjetividade (HEILBORN, 1999).

Notadamente, Scott (1990, p. 21) tem sido referência nos debates sobre o conceito de gênero, ao destacar o caráter relacional e a construção social dos significados para as feminilidades e masculinidades, indicando ainda que “[...] gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Por sua vez, Gagnon (2006) ressalta o caráter de construção social da sexualidade, propondo a teoria dos roteiros sexuais. Os roteiros sexuais são scripts constituídos a partir das relações estabelecidas entre as pessoas, considerando o material cultural e psíquico, suficiente para concluir determinada conduta. Assim, estas formas roteirizadas

de comportamento são aprendidas e apropriadas, permitindo a execução das condutas, que, por sua vez, são avaliadas socialmente (GAGNON, 2006).

A partir dessa relação indissociável entre gênero e sexualidade, agrega-se a categoria infância, visto que as protagonistas desta investigação foram as crianças. Nessa direção, a Sociologia da Infância teve papel fundamental para a condução desta investigação, uma vez que, enquanto campo de estudo, defende que as crianças são sujeitos ativos no processo de constituição de suas próprias identidades e culturas, por meio de suas práticas sociais com os seus pares e com os(as) adultos(as), o que confere oposição à ideia de que elas apenas reproduzem os valores sociais da cultura mais ampla (SARMENTO, 2003, 2004, 2005).

2 | METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta investigação, de caráter qualitativo, foi desenvolvida por meio de um estudo de caso realizado com crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos, de uma instituição pública de Educação Infantil, localizada em um município do interior do estado de São Paulo. As crianças participantes da investigação foram de uma sala de Pré I, com o total de 27 (vinte e sete) crianças, sendo 15 (quinze) meninos e 12 (doze) meninas, na faixa etária entre quatro e cinco anos.

Para a geração de dados foram empregados os seguintes procedimentos: coleta de autorizações e termos de consentimento/assentimento dos(as) gestores, professoras participantes, dos(as) familiares responsáveis pelas crianças e das crianças; entrevistas abertas e semiestruturadas com as crianças, utilizando-se de dinâmicas, curta-metragem e *trailers*, de brincadeiras e de contação de história; escolha de nomes fictícios pelas próprias crianças; observação participante nos diferentes tempos e espaços escolares; diário de campo e análise dos artefatos sociais e culturais presentes na instituição e transcrição das falas na íntegra. Os dados gerados referentes à produção enunciativa das crianças e à constituição dos roteiros de gênero compuseram a subcategoria “Relações de gênero e a constituição de feminilidades e masculinidades”.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Construindo roteiros sociais de gênero: coerção ou transgressão?

3.1.1 Entre cenas e diálogos: “meninos não gostam de boneca”, “o meu pai dava banho quando era um bebê e cuidava de mim”.

Num dia de brincadeira livre, proposta pela investigadora, as crianças participantes da investigação escolheram os brinquedos que queriam brincar e foram para um canto do

pátio da instituição. Em suas falas, fez-se presente o tema das obrigações concernentes aos homens e às mulheres no espaço privado da casa:

Investigadora: O que faz Paulo?

Um menino de outra sala: O que você está fazendo com este brinquedo de menina?

Investigadora: Ele está cozinhando.

Investigadora: Ele vai fazer a comida, brigadeiro, uhm!

Homem formiga e Paulo: (risos [...] demonstraram não se incomodar com o comentário do menino da outra sala, que logo se retira).

Investigadora: Quem vai trocar a fralda que o nenê cagou (fez cocô)?

Maria Jéssica: Paulo, você vai ter que trocar o nenê fez cocô.

Investigadora: O nenê vai ter que tomar banho, só dar banho.

Maria Jéssica: Só mulher pode dar banho no bebê.

Investigadora: Só mulher, por quê?

Maria Jéssica: Homem não pode ver menina.

Investigadora: É, mesmo se for o pai, não pode?

Maria Jéssica: Não.

Maria Jéssica: Quando eu era bebê, só a minha mãe me dava banho, porque ela não deixava o meu pai dar banho.

Investigadora: Se fosse um menino o pai poderia dar banho?

Laura: O meu pai dava banho quando era um bebê e cuidava de mim.

Investigadora: E você Bibi acha que o pai pode dar banho na menininha?

Bibi: Sim (responde bem baixinho)

Laura: Paulo vai dar banho na nenê. Ela está chorando!

Investigadora: Essa aqui é a Giovana que cresceu, quem vai dar banho nela? Tá chorando!

Crianças: (A Bibi pega a nenê para dar banho).

Investigadora: Ainda bem que a Bibi vai dar banho! Coisa boa (risos)! Papai não quis dar banho! (Informação verbal, 2014).

Na conversa entre as crianças, algumas afirmaram que o pai pode ver a filha nua e dar-lhe banho, entretanto, a maioria afirmou que não. Uma das meninas compartilhou que seu pai exercia cuidados como dar-lhe banho e alimentá-la. As crianças continuaram a falar:

Bibi: Deixa que ela está dando banho no chuveirinho, você vai dar banho no outro nenê e seca (refere-se ao Homem Formiga).

Investigadora: Os dois (refere-se ao Paulo e Homem Formiga que estão mexendo no

cabelo da investigadora com um secador de brinquedo na mão) são cabeleireiros vão fazer chapinha! Vou à festa, sair de cabelo liso (risos)!

Meninos: Risos [...] (mexem no cabelo da investigadora como se estivessem fazendo chapinha).

Investigadora: Quem vai levar o nenê para tomar injeção? Gente tem que levar o nenê para vacinar, tem que dar banho e levar o nenê no postinho para vacinar!

Investigadora: Tem que enxugar o nenê e passar talquinho para não ficar assado.

Investigadora: Onde tem que passar a pomada Paulo e Homem Formiga?

Paulo: Na periquita (risos).

Investigadora: Na periquita?

Investigadora: Por que passa a pomada?

Maria Jéssica: Pra não assar.

Investigadora: Paulo, ela disse que é para não assar, no menininho tem que passar também se não assa no menino e na menina.

Crianças: Fica com bolinhas.

Investigadora: Isso! Ficam bolinhas. Vocês sabem!

Investigadora: Com quem vocês aprenderam isso?

Crianças: Com a mamãe. (Informação verbal, 2014).

Os meninos demonstraram também saber sobre cuidados referentes à higiene íntima de bebês, conhecimento que, de acordo com as crianças, era proporcionado por suas mães. Será que o assunto sobre os cuidados com os bebês é restrito às mulheres? Sendo passado de geração a geração, de mãe para filha e filho? Será que essa nova geração de meninos apresentará comportamentos diferenciados quando adultos, ao falar sobre maternidade e paternidade com os seus filhos e suas filhas, por terem participado de processos de socialização que lhes permitiram o acesso aos roteiros que leva à conduta do cuidado com os filhos e filhas?

Na mesma brincadeira, foi solicitado aos meninos que fizessem brigadeiro, ao que responderam que cozinhar era “coisa de mulher”, discurso que talvez possa ter contribuído para sua resistência ao fato de que o fogão e as panelas serem cor-de-rosa. No entanto, após a argumentação da investigadora de que o brigadeiro seria muito gostoso, independentemente do fato de ser um menino ou uma menina que o fizesse, eles chegaram à conclusão de que todos iriam fazê-lo, apesar dos fatores acima mencionados.

Os meninos puderam experimentar uma brincadeira considerada socialmente feminina, podendo, assim, romper com os estereótipos sexuais. Nesse sentido, é perceptível a importância da ação docente na proposição de atividades lúdicas não sexistas, certamente, auxilia na ruptura de padrões socialmente constituídos com base na diferenciação dos gêneros, o que conduz para que a socialização entre meninos e

meninas mais igualitária.

Noutro dia, na sala de aula, havia três meninos e três meninas e foi constatado que este grupo se opunha às brincadeiras que não condiziam com o seu gênero. Conforme pode ser observado em suas falas:

Investigadora: Vocês podem pegar o brinquedo que quiserem, se vocês quiserem.

Meninos: Ah! (risos, expressando aversão, como se indicassem que não seria possível brincar com todos os brinquedos).

Investigadora: Meninos, se vocês quiserem pegar panelinha, boneca, fogãozinho, pode pegar!

Investigadora: Meninas, se vocês quiserem pegar carrinho, podem pegar também!

Meninas: (risos, expressando curiosidade).

Maria Jéssica: Pode pegar o que quiser?

Meninos: Olha, tia!

Crianças: (Neste momento as crianças começam a brincar).

Meninas: Chapinha, chapinha.

Investigadora: Não vai querer pegar a boneca?

Paulo: Éca.

Investigadora: Éca? Por quê?

Laura: Meninos não gostam de boneca!

Meninos: (risos). (Informação verbal, 2014).

Quando foi dito, pela investigadora, aos meninos que poderiam pegar os brinquedos que quisessem, os mesmos se manifestaram com olhares de censura. Ainda para desafiá-los, a investigadora disse às meninas que poderiam pegar os carrinhos e eles poderiam pegar as bonecas. O objetivo dessa intervenção era observar se as crianças romperiam com o padrão hegemônico de masculinidade.

Logo, notou-se que os meninos pareciam não compreender o porquê de não poderem ou de “não gostarem” de brincar de boneca, demonstrando nunca terem pensado em quem lhes ensinou esta proibição.

A partir dos episódios citados ficou perceptível a resistência dos meninos no desempenho de atividades consideradas socialmente femininas, como a de cuidar dos(as) filhos(as) e realizar afazeres domésticos. Contudo, as meninas também compartilharam da mesma concepção acerca da apropriação dos artefatos culturais, dos comportamentos e escolhas de acordo com o gênero.

Os dados até aqui discutidos apresentaram pontos divergentes e convergentes em comparação aos resultados de algumas pesquisas com foco nas crianças em instituições de Educação Infantil e as relações de gênero.

Nesta investigação, observou-se a apropriação do espaço da sala de aula pelas crianças, as meninas brincavam mais de casinha e os meninos com carrinho e jogos de peças de montar. O espaço que deveria proporcionar múltiplas experiências é marcado pela segregação e hierarquização de gênero, denominado por Ferreira (2002; 2003) como “oposição de gênero nos espaços de faz-de-conta”.

Ainda, a partir dos resultados obtidos na investigação, destaca-se pontos convergentes com outras investigações com crianças de idades entre 4 a 6 anos, sendo as de Souza (2015) e de Novakowski, Costa, Marcello (2016), dentre as quais reitera-se: por um lado, as percepções de gênero vinculadas a uma visão androcêntrica, indicando a reprodução de significados atrelados à cultura do binarismo e à normatização das relações de gênero e, por outro lado, a existência de confrontos com estes significados, indicativos da produção de suas próprias culturas.

Outros estudos realizados com crianças na faixa etária entre 4 a 6 anos, também indicam a reprodução das desigualdades de gênero e as transgressões das crianças às regras impostas pelos(as) adultos(as) no contexto da Educação Infantil, como indicam Sayão (2001; 2002), Bello e Felipe (2010).

Na investigação realizada revelou-se a separação de brinquedos, a delimitação dos espaços e acessos a artefatos de acordo com o gênero e a vigilância entre as próprias crianças em relação às possíveis “transgressões das fronteiras de gênero” (FERREIRA, 2002; 2003), como também a ruptura destas normas. As crianças, numa constante interpretação da cultura que a cerca, tanto se apropriaram de roteiros coercitivos de gênero quanto de modos de ser, pensar e fazer transgressores das normas de gênero.

3.1.2 Entre cenas e diálogos nos momentos do recreio: lutinhas e pega-pega.

Nos momentos do recreio, geralmente observava-se vários grupos de meninas, em que se destacavam as seguintes brincadeiras: fazer estrela com o corpo, escolinha, pintar folhas com lápis de cor e de cantigas. Os outros grupos de meninos e de meninas estavam correndo desenfreadamente ou brincando de pega-pega.

Uma brincadeira muito praticada entre os meninos era a “lutinha”, cujo conteúdo parecia ser mais agressivo do que lúdico, visto o empenho de força para machucar o colega. Algumas meninas brincavam de “lutinha” entre elas ou com outros meninos, contudo, esta prática era consideravelmente mais cometida por meninos do que por meninas.

Segundo Barbosa (2007) a brincadeira de “lutinha” pelas meninas pode indicar a diluição das “fronteiras de gênero”. Thorne (1997) denomina como “jogos de gênero” estes “conflitos por aproximação”, ocorridos nestas brincadeiras, por meio das interações entre os gêneros. Por sua vez, Cruz (2004), inspirada nos conceitos de Thorne (1997), cria o conceito de “sociabilidade do conflito”, o qual é definido pela existência nas interações entre as crianças de práticas que envolvem a relação entre “ludicidade, agressividade e

a violência”.

A partir das observações realizadas no momento do recreio, verificou-se que a brincadeira de que as crianças mais gostavam era a de pega-pega. Parece equivaler o mesmo número de meninas e de meninos que brincavam de pega-pega, sendo uma prática que proporcionava a participação igualitária de ambos os gêneros.

3.1.3 Entre cenas e diálogos: “Que delícia essa cerveja gelada! Mulher hoje eu vou beber! Vou beber até ficar bêbado”, “Falem mais baixo, pois a minha filha quer dormir”.

Em um dia de observação das crianças brincando em sua sala de aula, em um momento de brincadeira livre, notou-se que um grupo de meninas se entretinha com as bonecas. De repente, surgiu Mário, que pegou a boneca e disse ao colega:

Mário: Olha o bebezinho!

Menino: Por que está com boneca? (em tom de indagação e estranhamento)

Mário: Pega novamente a boneca e acaricia (imitando o modo como as meninas estavam brincando).

Menino: Não gosto de boneca! (Informação verbal, 2014).

Os meninos que estavam perto de Mário, ao observarem que ele brincava com a boneca, pegaram-na e a jogaram para cima, enquanto que o colega demonstrava nervosismo com a situação. Logo, começaram a brigar para ver com quem ia ficar a boneca.

Mário conseguiu resgatar a boneca e a agarrou firmemente, com a feição emburrada, demonstrando aos colegas que não gostou da brincadeira. Apressadamente, ele pegou a boneca, abraçou-a e colocou-a enrolada na barra de sua blusa, que foi utilizada como manta para a boneca. As meninas continuavam brincando de cuidar da filhinha, que era um bebê, porém não estavam utilizando suas blusas como mantas.

Ele adentrou na brincadeira das meninas e foi prontamente aceito. As meninas brincavam, dizendo ao Mário:

Meninas: Aí que fedô (se referem à filhinha do Mário, alertando-o de que ela fez cocô).

Meninas: Troca a roupinha dela. (Informação verbal, 2014).

Mário, todo cuidadoso, fez de conta que limpava a sua filha. Tirou a roupa dela para trocá-la, rindo, parecendo achar engraçado vê-la sem roupa. As meninas também riram com a situação. Neste momento, aproximaram-se mais três meninos, que há minutos criticavam o fato de menino brincar com boneca, trazendo outras bonecas também enroladas em suas blusas. Tentando fazer parte da brincadeira, um deles até cantalorava “nana, nenê”, embalando a boneca ao som da canção de ninar.

A conduta de Mário representou a capacidade que as crianças possuem de se posicionarem em relação aos seus desejos, de resistirem a coerções e constrangimentos,

defendendo seus pontos de vista, conforme se observou na situação relatada em que, ao final, o garoto conseguiu, inclusive, trazer os demais colegas para participarem da brincadeira que, a princípio, haviam tentado impedir.

Uma menina pegou o carrinho de um menino, e este bravo disse: “Devolve o meu carrinho! Você é menina, devolve!”. A menina não devolveu o brinquedo. Neste instante, já que fazia parte da brincadeira, a investigadora entrevistou e fez a sugestão ao grupo, composto por três meninas e o menino que ficou sem o carrinho. Propôs que brincassem de motorista, de modo que todos(as) pudessem levar no carrinho as bonecas para passear, permitindo que as meninas também brincassem de carrinho e os meninos, de boneca. Após o ocorrido, um menino aproximou-se e aderiu à brincadeira, e as meninas e o menino que já estavam brincando não demonstraram nenhum preconceito ou incômodo em deixá-lo brincar com as bonecas.

Um dos meninos, quando pegou a boneca, demonstrou que queria privacidade na condução de sua brincadeira, pois se afastou do grupo e foi brincar debaixo da mesa, pedindo aos colegas: “Falem mais baixo, pois a minha filha quer dormir”. Ele batia levemente com a mão nas costas do bebê e o balançava em seu colo, como se a estivesse fazendo dormir, além de sussurrar bem baixinho em seu ouvido.

Na concepção de Ferreira (2002; 2003), a “transgressão de zonas de fronteira de gênero” significa a ruptura de barreiras que separam os gêneros, as quais podem ser acometidas tanto pelos meninos quanto pelas meninas.

Como se pode notar, a ação de romper com “zonas exclusivas de gênero” (FERREIRA, 2002; 2003) não é isenta da decorrência marcada pelo antagonismo, aceitação e exclusão, o que demonstra a complexidade das relações humanas, não sendo diferente na cultura de pares infantis.

No cantinho da sala, uma das meninas brincava de fazer vitamina e oferecia aos meninos e meninas que se aproximavam. Ela disse a um dos meninos, Hugo, que representava o papel de marido: “Cuida do nenê, eu vou trabalhar!”. Foi-lhe perguntado onde ela iria trabalhar e qual era a sua função. Ela me respondeu: “Em casa, eu tenho que limpar a casa. Deixar limpinha”.

Enquanto ela brincava de arrumar a casa, Hugo, que representava o marido, pegou o copo do liquidificador e encenando que estava tomando cerveja, disse: “Que delícia essa cerveja gelada! Mulher hoje eu vou beber! Vou beber até ficar bêbado (risada)”. Ele fazia sons, demonstrando que estava tomando uma cerveja bem gelada: “Ah! Ah! Ah!”. Logo a menina tirou da mão dele o copo de cerveja e recomeçou a brincadeira do jeito dela. Batia a vitamina para dar mamadeira para a sua filhinha.

Pode-se verificar cenas protagonizadas por meninos e meninas, entre quatro e cinco anos de idade, que demonstram a transgressão de zonas exclusivas de gênero (FERREIRA, 2003), por meio da inserção dos meninos em uma brincadeira que é considerada de domínio feminino (FERREIRA, 2003; COSTA, 2004; BARSOSA, 2007). Por outro lado,

por meio do jogo simbólico e do faz-de-conta, Hugo representa as relações familiares do mundo adulto; de um lado a figura do pai/mantenedor, “o homem da casa”, que desfrutava de um momento de lazer; do outro, a mãe, no papel “de dona do lar”, realizava os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Cena que denuncia, a partir do olhar de crianças, as desigualdades de gênero.

Destacaram-se momentos em que as próprias crianças se vigiavam entre si. Um menino pegou uma peça de brinquedo que estava em cima da mesa e fez de conta que era uma maquiagem, encenando se maquiar. Uma das meninas se aproximou e disse: “Tá passando maquiagem? (fala rindo, achando engraçado, não chega a ser um deboche)”. Ele, imediatamente, interrompeu a brincadeira. Quando a mesma menina que o exortou se distanciou, ele retomou a brincadeira e faz de conta que está passando um batom. No mesmo momento em que brincava de se maquiar, já pegava outra peça fazendo de arma e dizia: “Eu vou te matar”. No meio da brincadeira, ele simulou uma ligação, pegando o celular e conversando como se estivesse falando com um amigo: “Você não vai vir me buscar?”.

As investigações realizadas por Guizzo (2005), Guerra (2005), Arguello (2005), Bello (2006) e Barbosa (2007) tratam da temática de gênero no âmbito da Educação Infantil. Os resultados de seus estudos convergem com os resultados desta investigação, no que concerne à constatação de que os meninos sofrem mais vigilância quanto ao exercício da masculinidade do que as meninas em relação à feminilidade. No mais, esta vigilância é reforçada pelas próprias meninas.

Diante do exposto, é evidente que a prática de vigilância exercida por meninos e meninas tão pequenos(as) para manutenção de padrões hegemônicos de masculinidade e feminilidade pode contribuir para a constituição de comportamentos homofóbicos, misóginos e sexistas.

Constatou-se a prática da maternagem pelas meninas, geralmente, é analisada como reprodução de papéis femininos que reforçam a masculinidade hegemônica. A partir de sua investigação, Barbosa (2007, p.166) afirma que as meninas reproduzem um “ideal de maternidade que se caracterizava por um lado prático e por lado afectivo”, o que também foi verificado nesta investigação, bem como nas pesquisas de Ferreira (2003) e Costa (2004).

Contudo, as análises apontaram para os usos sociais da maternidade pelas meninas, mas também da paternidade pelos meninos, o que confirmou que estas crianças estão constituindo significados por meio da simbolização do que sejam, para elas, as figuras do pai e da mãe e seus atributos.

4 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As crianças demonstraram por meio de suas falas e interações a apropriação de roteiros coercitivos de gênero, de símbolos sociais fornecidos pela cultura reforçadora valores que recaem no binômio homem/público e mulher/privado, elas também conseguiram interpretar e apropriar-se criativamente das informações advindas do mundo adulto, contribuindo assim “ativamente para produção e mudança culturais” (CORSARO, 2011, p.31-32). Assim, estes aspectos da participação ativa das crianças são próprios de sua cultura de pares, o qual se denomina por “reprodução interpretativa” (CORSARO, 2011).

Considera-se que trazer à sociedade, por meio de pesquisas, as compreensões das crianças sobre a sexualidade e as relações de gênero e a contribuição da Instituição de Educação Infantil (IEI) para constituição desses saberes podem colaborar para novas definições nas políticas públicas para a infância. Para isso, a geração de dados em que se fundamentaram as análises, destacou as falas, a observação das inter-relações e experiências de crianças pequenas acerca das relações de gênero no espaço escolar.

Diante da discussão realizada e dos resultados obtidos quanto às perspectivas de crianças sobre as relações de gênero, evidenciou-se o papel importante da instituição de Educação Infantil para a condução da ocupação e uso igualitário do espaço institucional e dos artefatos culturais, pelas crianças. Propugnando-se a necessidade de ruptura de modelos hegemônicos e fixos de masculinidade e feminilidade, os quais reforçam a dicotomia entre os gêneros, com especial atenção de seus(suas) profissionais para o tipo de materiais que produzem para a decoração dos espaços e para a ação pedagógica, bem como, organizam as atividades e orientam as brincadeiras realizadas pelas crianças.

REFERÊNCIAS

ARGUELLO, Z. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BARBOSA, C. A. de V. B. **Dos corpos nascidos aos sexos construídos: identidades e representações de gênero num jardim-de-infância**. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos da criança- Área Sociologia da Infância) – Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2007.

BELLO, A. T. **Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

_____.; FELIPE, J. Delineando masculinidades desde a infância. Instrumento. **Rev. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p.175-182, jul./dez. 2010.

CORSARO, W. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, A. de. **Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da Educação Infantil: um estudo sobre as relações de gênero**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CRUZ, Tania M. **Meninos e meninas no recreio: gênero, sociabilidade e conflito**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FERREIRA, M. **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!**: as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Porto, Porto, 2002.

_____. **O trabalho de fronteira nas relações entre gêneros como processo estruturante de identidades homo e heterossociais de gênero ocorridas nas brincadeiras entre crianças em espaços de “brincar ao faz-de-conta” num JI**. p. 1-18. 2003. Disponível em: www.fpce.up.pt/ciie/publs/artigos/fronteira.doc. Acesso em: 8 jul. 2010.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Tradução Lúcia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GARRIDO, G.O.C. **Cenas com crianças de 4 e 5 anos no contexto da educação infantil: suas perspectivas sobre gênero e sexualidade**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

GUIZZO, B. S. **Identidades de gênero e propaganda televisiva: um estudo no contexto da Educação infantil**. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade. **Cadernos Cepia** n. 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, p. 73-92, dez. 2002.

_____. Entre tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 336, P. 43-59, jan./abr., 2006.

NOVAKOWSKI, L; COSTA, M. V; MARCELLO, F. de A. Representações de feminino e masculino em pesquisa com crianças. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v.18, n.34, p.235-248, jul/dez, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2016v18n34p235/32696>. Acesso em: 17 de julho de 2017.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p 137–182.

_____. **Imaginário e culturas da infância**, p. 1-18, 2003. Disponível em: http://www.iec.minho.pt/cedic/textos/de_trabalho. Acessado em 25 de julho de 2016.

_____. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In:_____.; CERISARA, A. B. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p.9-14.

_____. Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância. **Educação social**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago., 2005.

SAYÃO, D. T. A construção de identidades e papéis de gênero na infância: a temas para articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da educação física na educação infantil. **Pensar a Prática**, n.5, p. 1-14, jun./jul., 2001-2002.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórico. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 1-35, jul./dez., 1990.

SOUZA, G. C. Educação infantil e relações de gênero: o que se inscreve nos corpos infantis? 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso. Rondonópolis, UFMT, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aplicativo Educativo 74, 75, 77, 80, 83, 84, 85

Aprendizagem 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 53, 56, 58, 59, 60, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 98, 103, 104, 108, 111, 112, 114, 126, 140

C

Ciências 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 34, 35, 40, 44, 51, 59, 62, 72, 73, 78, 90, 91, 146

Currículo intercultural e bilíngue 49, 55, 58, 59

D

Diversidade dos sujeitos 12, 13, 14, 15, 21, 22, 25, 27, 31, 32

E

Educação 11, 2, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 78, 80, 82, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Educação de jovens e adultos 15, 16, 24, 32, 33, 91

Educação escolar quilombola 135, 137, 140

Educação infantil 11, 62, 63, 64, 67, 68, 71, 72, 73, 99

Educação Prisional 90, 95, 107, 110, 111

EJA em prisões 86

Ensino 1, 2, 3, 4, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 34, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 49, 50, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 89, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 122, 126, 133, 138, 140, 143, 146

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 59, 60, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 103, 109, 111, 115, 117, 118, 122, 124, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 143, 144

Escolas quilombolas 135, 138, 139, 140, 142, 143

G

Gênero 2, 10, 19, 37, 45, 46, 52, 55, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 84, 85, 109, 112, 115, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Gestão Educacional 107, 114, 116

H

Histórico de vida 12

I

Infância 10, 26, 62, 63, 64, 72, 73, 121

Interculturalidade 49, 53, 54

M

Masculinidade 67, 71, 72, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Mulheres brasileiras 75, 77, 78, 80, 83, 84

Multiculturalismo 49, 50, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 145

O

Orientação Sexual 1, 2, 3, 10, 11, 19, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

P

Paulo Freire 12, 13, 14, 19, 21, 22, 31, 56, 57, 59, 61, 90, 107, 108, 110, 111, 116

Pedagogia de projetos 88, 89, 91, 92, 95

Pedagogia em contextos não escolares 97

Pedagogia Social 33, 97, 98, 102, 105, 106

Pioneiras 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85

Política 16, 17, 32, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 78, 79, 82, 87, 99, 100, 106, 107, 108, 112, 116, 121, 125, 129, 131, 132, 133, 136, 137, 139, 142, 145

Práticas curriculares 135, 138, 141

Professor 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 18, 20, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 75, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97, 98, 99, 102, 103, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 135, 141, 143, 146

R

Reconhecimento Feminino 75

S

Saúde 2, 7, 9, 11, 19, 36, 45, 78, 79

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 63, 64, 72, 73, 77, 122, 123, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 134

Sistema prisional 86, 91, 97, 100, 106

T

Teoria Pedagógica 107, 116

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Atena
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

5

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020